

## “SOCIALISMO COMO ANTONÍMIA DO SUCESSO”: OS EFEITOS DE SUCESSO NO PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO NA ONU

Damião Francisco BOUCHER<sup>1</sup>  
Thiago Barbosa SOARES<sup>2</sup>

### Resumo

Propomos neste artigo uma análise do discurso do presidente Jair Messias Bolsonaro, pronunciado na ONU, no dia 24 de setembro de 2019. Respeitando o uso do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, bem como as concepções de sucesso (SOARES, 2016, 2017, 2018,) e de silêncio (ORLANDI, 2007), visamos, portanto, verificar seus efeitos e seus prováveis laços com o deslizamento semântico de “socialismo” para “abismo” responsável virtual por inocular a compreensão do ideal socialista como o regime do fracasso. Para a investigação proposta, será utilizado como corpus o já mencionado pronunciamento presidencial, assim como outros pronunciamentos de conjunturas históricas anteriores com o intuito de demonstrar o funcionamento desses deslizamentos semânticos.

**Palavras-chave:** Sucesso; Silêncio; Discurso; Interdiscurso; Polissemia.

### Abstract

We propose in this article an analysis of the discourse of President Jair Messias Bolsonaro, delivered at the UN, on September 24, 2019. Respecting the use of the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis of the French line, as well as the conceptions of success (SOARES, 2016, 2017, 2018) and silence (ORLANDI, 2007), we aim, therefore, to verify its effects and its probable links with the semantic shift from "socialism" to "abyss" responsible for virtual inoculating the understanding of the socialist ideal as the regime of failure. For the proposed investigation, the already mentioned presidential discourse will be used as a corpus, as well as other discourse from previous historical circumstances with the purpose to demonstrate the functioning of these semantics shifts.

**Keywords:** Success; Silence; Discourse; Interdiscourse; Polysemy.

<sup>1</sup> Graduação em Letras português/inglês pela Universidade Federal do Tocantins – UFT (2012), especialização em Análise do Discurso Político e Jurídico (2017) e especialização em Psicologia Junguiana, ambas pela Faculdade Unyleya do Rio de Janeiro. Mestrando no PPGLetras da UFT, campus de Porto Nacional. E-mail: boucherplace@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018). É membro pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso (LABOR-UFSCar) e professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional. E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br

### **Breve prelúdio: do fracasso ao sucesso, do “abismo” ao capitalismo.**

Com o intuito de verificar o funcionamento de dados efeitos de sentido, agindo simultaneamente nos discursos, propomos analisar o pronunciamento do então presidente Jair Messias Bolsonaro, proferido na Assembleia Geral da ONU, no dia 24 de setembro de 2019. Dado discurso produziu efeitos de criminalização da ideologia socialista, descrevendo-a como responsável virtual do fracasso econômico, político e social no Brasil.

Ao mesmo tempo, propomos investigar de que forma esses deslizamentos semânticos se relacionam com a constituição de uma imagem de agente político de sucesso (SOARES, 2016, 2017, 2018). Para isso, examinaremos no referido corpus e em outros recortes pertinentes às condições de produção do discurso principal, como o sentido da palavra “socialismo” (que geralmente remete a uma doutrina política e econômica) é construído de tal forma a apagar constitutivamente seu significado básico (ORLANDI, 2015), deslizando-se para “abismo”. Da mesma maneira, analisaremos essas construções e como elas vão sendo sustentadas por pré-construídos que emergem de outros acontecimentos históricos e que atualizam seus sentidos nas formulações atuais do sujeito-locutor (FOUCAULT, 2014, p. 25).

Considerando que tal exame ainda não foi proposto e sopesando também a importância de compreender melhor como os sentidos podem afetar sujeitos e história (ORLANDI, 2015) na relação do já-dito e do que se está dizendo (idem, 2015, p. 30), torna-se imprescindível analisar o discurso político à luz de uma metodologia que considera em seu arcabouço teórico o entrecruzamento da estrutura e do acontecimento, para observar de maneira efetiva tais deslizamentos semânticos que o mencionado discurso produz (PÊCHEUX, 2015, p. 18).

### **Silêncio, efeito de sucesso e acontecimento**

Antes de considerar o discurso político e pensar o seu lugar de funcionamento, primeiramente é preciso compreender que ele não trabalha somente na língua, como um sistema autônomo, porque, como objeto da Análise do Discurso (ORLANDI, 2015, p. 7), é “efeito de sentidos entre os pontos A e B.” (PÊCHEUX, 1997, p. 82). Sendo efeito de sentido, não se encontra subordinado ao sistema linguístico, permanecendo no entremeio deste, do acontecimento e da própria consciência (PÊCHEUX, 2006).

Por isso, toda prática discursiva elenca funcionamentos que são imperceptíveis e incompreensíveis somente pela visão puramente sistêmica da língua ou mesmo pela

concepção teórica da comunicação, quando esta é idealizada a partir de um circuito fechado e transparente, desconsiderando, por conseguinte as condições de produção (ORLANDI, 2015, p. 19).

Em outros termos, considerando o que Pêcheux (2015, p. 18) afirma sobre os vários caminhos para se analisar discurso, é relevante para o analista considerar que os efeitos de sentidos permeiam o limiar da estrutura e do acontecimento. E que, portanto, para percebê-los é preciso relativizar não só a autonomia da língua, mas também a história pela efetivação parcial da descrição e da interpretação no interior da Análise do Discurso (doravante AD). Assim, a visão teórico-metodológica da AD de linha francesa pretende analisar seu objeto (o discurso) que se coaduna, em grande medida, com o que diz Carvalho sobre a estrutura:

O que é estrutura? Trata-se de um conjunto de elementos que mantêm relações necessárias entre si. Tais relações são também de caráter funcional, ou seja, cada elemento que compõe o sistema concorre para a manutenção dos que lhe estão relacionados. Por exemplo, ao escrevermos a palavra método, estamos representando uma estrutura. Temos um primeiro elemento, a letra m, que estabelece uma relação necessária com o conjunto pelo fato de dever se apresentar necessariamente nessa posição. Este elemento, por sua vez, se relaciona com a letra e para formar a sílaba mé. E assim, sucessivamente. Como pode ser observado, cada elemento tem uma função no todo. No caso dos estudos antropológicos, descobriu-se estruturas subjacentes às várias práticas sociais, tais como as religiosas e as aparentemente simples como a alimentação (2000, p. 31).

Ao acompanhar o mencionado raciocínio sobre as estruturas, é possível verificar que tais relações continuam a exercer certos funcionamentos que mantêm uma relação necessária entre elementos. Como exemplo, ao pensarmos em composições nas quais indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia e, por sua vez, esta se materializa nas formações discursivas cuja manifestação se dá pela linguagem (PÊCHEUX, 1975), vemos que cada elemento exerce uma manutenção necessária para tornar o outro funcional.

Dessa forma, considerando também a relação necessária que estabelece as condições de produção dos sentidos, podemos afirmar que, na AD, o objeto a ser trabalhado se encontra vinculado, sobretudo, ao sistema linguístico, mas também às condições exteriores que permitem a produção de sentidos (SOARES, 2019). Pensando na dinâmica desse conjunto, percebe-se a formação de uma composição cujos elementos mais ou menos imperceptíveis (ideologia) vão tomando forma de acordo com o papel de outros componentes linguísticos mais densos e perceptíveis (linguagem).

Nessa perspectiva, pensando o discurso como objeto, o enunciado proferido só é possível pelo empreendimento da construção do pensamento (gerado e modelado pela exterioridade, pelas condições de produção humanas), mas que pela articulação do aparelho fonador ou de outros meios de manifestação da linguagem, torna possível a (re)produção dos sentidos. Partindo desse princípio, compreende-se, então, porque o sujeito só produz sentido se for afetado pela estrutura e pelo acontecimento. Isto é, "ele é sujeito à língua e a história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas" (ORLANDI, 2015, p. 46).

Por esta razão, a AD francesa investiga o entremeio. Seu objeto não se encontra na estrutura (a língua, formatada pelas interpretações derivadas do Curso de Linguística Geral), muito menos no acontecimento (a história, como compreendida por uma disciplinarização de grandes feitos), mas no intervalo destes. Por isso Orlandi (2015, p. 20) ressalta que "discurso é efeito de sentido entre locutores". E sendo efeitos de sentido, considera-se a língua como trabalho simbólico, enquanto "parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história" (idem, p. 13).

Dessa forma, ao considerar outros efeitos dentro da estrutura e do funcionamento dos discursos, como os efeitos de sucesso (SOARES, 2016, 2017, 2018) e de silêncio (ORLANDI, 2007) (estes afetam sentidos, sujeitos e história colocando em xeque a transparência da comunicação), constata-se que comunicar-se não se trata de transmissão de informações apenas, pois há embates ideológicos que levam em conta as condições de produção desses discursos (ALTHUSSER, 1980, p. 21-22), assim como sujeitos, processamentos parafrásticos e polissêmicos, sem deixar de mencionar as relações de força e de sentidos existentes no interior da organização social (PÊCHEUX, 1997).

Como resultado, ao examinar esses processos discursivos na organização social, especificamente no âmbito da política, tem-se um jogo discursivo muito mais complexo, pois segundo Charaudeau (2016, p. 19) o discurso político pode seguir duas lógicas: uma simbólica e a outra pragmática. Na simbólica há princípios de uma vida política que são colocados como fundadores de dadas idealidades inerente a valores coletivos, a serviço do bem comum os quais legitimam a ação política. Já na lógica pragmática há uma gestão de poder "os meios que permitem realizar o bem-estar social, dando crédito ao projeto de idealidade social" (idem, 2016, p. 19). Constituídas pela seleção meticulosa de efeitos de sentido específicos (como os de sucesso e de silêncio), bem como a processos linguísticos e extralinguísticos, essas lógicas podem contribuir

para a composição e para a atualização de certos dizeres (PÊCHEUX, 1997; FOUCAULT, 2014).

Nessa perspectiva, o engendramento dos efeitos de sucesso tem se tornado comum nos discursos políticos por fazerem parte daquilo que Adorno e Horkheimer (1947, p. 62) sintetizam como o sustentáculo de um imaginário social, como um mito indissociável da relação de força e da busca pelo poder. Em outros termos, “assim como os dominados sempre levaram mais a sério do que os dominadores a moral que deles recebiam hoje em dia as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos” (idem, 1947, p. 62). Ou seja, percebemos que as condições de constituição dos discursos políticos funcionam de acordo com certos fatores, com o intuito de estabelecerem legitimação e dominância através das modalizações do poder-dizer, do poder-ser, poder-fazer e do poder-apagar.

Assim, essas relações que trabalham mutuamente na manutenção dos discursos são concebidas pela AD como: a) relação de sentido, pois “não há discurso que não se relacione com outro” (ORLANDI, 2015, p. 37); b) a antecipação, possibilitando o sujeito se colocar na posição do outro “a fim de poder dizer de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir”; c) a relação de força, ou seja, o lugar a partir de qual fala o sujeito que “é constitutivo do que ele diz” (idem, 2015, p. 37), isto é, a posição que permite seu discurso ter força; e d) as formações imaginárias que promovem a projeção da imagem política (ORLANDI, 2015, p. 38); da imagem de sucesso ou do fracasso, da posição discursiva que permite A dizer sobre B de modo a convencer a opinião pública, de modo a instaurar processos de julgamento com autoridade, legitimidade e potência (CHARAUDEAU, 2016, p. 14-15). Sobretudo no que tange à articulação de processos de criminalização de certas ideologias, por se tratarem de instrumentos de persuasão altamente eficientes no alcance dos objetivos políticos, a saber, a autopromoção e a interdição (FOUCAULT, 2014) de sujeitos e sentidos.

Sobre a interdição dos sentidos, o silêncio constitutivo encontra-se na instância sócio-histórica e geralmente se constitui em determinadas modalizações como a do poder-dizer e a do poder-apagar que são representadas pela interdição: “a forma mais evidente da exclusão” (idem, 2014, p. 9). Em relação à modalização do poder-apagar, Orlandi (2007, p. 73), afirma que o silêncio constitutivo “pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem”. E se pautando na capacidade de apagar determinados sentidos, dados processos discursivos

trabalham na construção de deslizamentos semânticos, encobrendo com outro sentido, léxicos que antes carregavam consigo significados cristalizados, fixos.

Esse acobertamento, denominado anti-implícito descarta o sentido convencional da palavra, por exemplo, de socialismo, anteriormente constituído como um conjunto de doutrinas política e econômica que prega a reorganização social por meio da estatização, e coloca em seu lugar o sentido de “abismo”, de “fracasso”, evitando, dessa maneira, “sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos” (idem, 2007, p. 73). Dessa forma, o sujeito-enunciador se posiciona no lugar daquele que vê o socialismo como abismo e ao colocá-lo dessa maneira, faz com que o sujeito-enunciatário que afilia-se a essa rede de sentidos específica entenda o socialismo como pressuposto virtual de abismo, como um subentendido de “política do fracasso”, apagando o fato de que ali no mesmo léxico, vinculado a outro momento histórico, encontrava-se outro sentido.

### **Efeitos metafóricos e processamento polissêmico na desconstrução do socialismo**

A análise do corpus se dá, especificamente, através da observação do funcionamento de dois mecanismos fundamentais para a AD de linha francesa: os processos parafrástico e polissêmico. Sobre o primeiro, Pêcheux (1997, p. 94) afirma que “de fato, é possível considerar sinonímias contextuais entre dois grupos de termos ou expressões as quais produzem o mesmo efeito de sentido em relação a um contexto dado”. Melhor dizendo, os efeitos de metáforas, mesmo nos elementos implícitos, são relacionados por ancoragem semântica. Enquanto a paráfrase representa a estabilização, a polissemia “joga com o equívoco”, trabalha com o deslocamento de sentidos e “com a ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 2015, p. 34).

Nessa perspectiva, ao considerar o enunciado “*Apresento aos senhores um novo Brasil, que ressurge depois de estar à beira do socialismo*”, o último trecho, “*à beira do socialismo*”, pode ser confrontado com o pré-construído “*à beira do abismo*”, “*perto de um perigo iminente*”. Isto é, um sujeito tomado pela ação de apresentar de forma cordial aos interlocutores “um novo país” cujas situações catastróficas o colocam em uma posição delicada por causa de um regime ideológico baseado no socialismo, que já vigorava desde a eleição do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003/2011) até o fim do mandato de Dilma Rousseff (31 de agosto de 2016).

Nessa tensão entre a estabilidade e o deslizamento, percebe-se elementos que recursivamente se mantêm, ou seja, o dizível, a memória (ORLANDI, 2015, p. 34). Por

isso, o processo parafrástico é definido por esse movimento de retorno aos mesmos espaços de dizeres. No caso do enunciado supracitado, a formulação “estar à beira do socialismo” retorna o dito “estar à beira do abismo”. Esse sentido é reforçado ainda mais pelos efeitos de implícito. Quer dizer, há a apresentação de “um novo Brasil”. Isso implica dizer que se há “um novo”, pressupõe-se um efeito metafórico de “recuperação”. Por sua vez, este gera um não-dito antonímico que está no campo do subentendido, representado pelos efeitos de “devastação”.

Tal antonímia está relacionada ao efeito de ancoragem semântica não só entre o dito (um novo Brasil), o não-dito (renovação) e sua oposição de sentido (devastação), mas também por condições específicas de produção desses enunciados, causando de certa forma uma equivalência semântica entre os elementos discursivos (PÊCHEUX, 1997, p. 95). Em outras palavras, “o processamento parafrástico do efeito metafórico denota a historicidade na língua” (ORLANDI, 2007 apud SOARES). Partindo dessa noção, esses processamentos seguem-se mantendo certo nível de ancoragem ao longo do discurso, reforçando o efeito inicial do não-dito “um Brasil devastado”.

Em primeiro lugar, a ação de apresentar causa um efeito de “exposição cerimonial”, um efeito de inauguração, nesse caso, de “um novo país”. Os efeitos perpetrados por esse enunciado instalam dois elementos fundamentais para o convencimento do sujeito-ouvinte: um não-dito, um subentendido com efeito parafrástico de “inauguração de nova era”, de “muito trabalho”, “de reformas que foram feitas para a inauguração de um novo país” e um silêncio constitutivo, instalando um anti-implícito. Nesse caso representado pelo efeito parafrástico antonímico do dito “*que ressurgiu depois de estar à beira do socialismo*”, a saber, “o Brasil estava quase acabado, destruído, devastado”. Dito de outro modo, subentende-se que “precisamos fazer várias reformas para o ressurgimento de uma nova nação”.

Esse anti-implícito tenta descartar do não-dito o fato de que o Brasil estava em uma posição de destaque no cenário mundial antes das reformas apresentadas pelo sujeito-enunciador, bem como tenta impedir que outros trabalhos significativos, outras formações discursivas sejam instaladas, como, por exemplo, o fato do Brasil, entre 2003 a 2014, se encontrar em posições de destaque no ranking da economia mundial, mesmo com a grande recessão de 2008 que perdurou 18 meses (SICSÚ, 2013). Período este que, como já mencionado, governos com alinhamento socialista administravam o país.

Nessas considerações, um questionamento surge: como podem ser percebidos esses não-ditos, e o mecanismo de anti-implícito, funcionando mutuamente na produção

do enunciado mencionado? Segundo a concepção de silêncio constitutivo, Orlandi assevera que;

Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito: se diz “x” para não (deixar) dizer “y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos (2007, p. 73).

Dessa forma, percebe-se que o silêncio constitutivo apaga dadas conjunturas na construção enunciativa do discurso proferido por Bolsonaro que nesse caso, como já mencionado, o fato do governo Lula e Dilma (até 2014) manterem uma posição razoável no ranking da economia mundial (SICSÚ, 2013). Consequentemente, instalam-se anti-implícitos que constituem outras representações significativas. Isto impede o sujeito-ouvinte de perceber a relação de sentido constitutiva dos discursos e suas referentes condições de produção. Ou seja, os efeitos de inauguração, de exposição cerimonial, outrora explicados, engendram a ilusão de não haver relações de sentido entre as condições de produção, geradoras do discurso na ONU. É o que Soares (2018, p. 117) ratifica ao dizer que “é na historicidade que os mecanismos de construção do discurso ganham sentido”.

Partindo dessa última afirmação sobre a historicidade, o discurso de Bolsonaro se relaciona com o fato do Brasil entrar em recessão durante o processo de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, seguindo outros acontecimentos, como o aumento da inflação e a recessão, com PIB negativo, na administração do então presidente Michel Temer. Essa transparência produzida pelo recorte de informações enviesadas, em seu discurso, descarta a entrada do sujeito-ouvinte na região de dada condição de produção e o coloca em outra. Esta passa a representar a historicidade como se ela fosse a própria realidade.

Em segundo lugar, toma-se o significado do verbo ressurgir como efeito de ratificação de “um novo Brasil”. De acordo com o dicionário online de português Dicio, ressurgir significa “surgir de novo”; “ressuscitar”, “reviver”, “renascer”. E ainda, a título de exemplo, deixa um enunciado recorrente da mitologia grega (a Fênix) para ilustrar o uso do verbo em questão: “a Fênix ressurgir de suas próprias cinzas”. Já o dicionário Michaelis expõe um exemplo sinonímico também recorrente da utilização do verbo ressurgir: “Voltar a ter importância dentro de determinado contexto”. O sentido

de ressurgir, nesse enunciado, reforça a expressão “um novo Brasil”, trazendo a ideia de mudança, de renascimento, de ressurreição.

Dito isso, percebe-se outro implícito antonímico instalado no dito “*um novo Brasil, que ressurge*” que pode ser explicitado pelo efeito metafórico “um Brasil que estava morto”. Mais uma vez, pensando na metáfora da Fênix, ratifica-se a ideia de que os discursos de Bolsonaro trabalham no sentido de levar o sujeito-ouvinte a acreditar (através dos pressupostos e dos subentendidos) que, antes de proferir tal discurso, trabalhou muito na construção de algo e que fez, com muita competência, “renascer”, “ressuscitar” “ressurgir” um país que “tinha perdido a vida”, “estava morto”, “em cinzas”, uma nação que estava “à beira do abismo”.

É no sentido do último recorte enunciativo, desse efeito parafrástico, remetendo “à beira do abismo”, que paira também o processo polissêmico. Este, por sua vez, é constituído pelo interdiscurso, o já-dito que está nas bases do dizível, a constituição dos sentidos e pelo intradiscurso, ou seja, a formulação dos dizeres possíveis (ORLANDI, 2015, p. 30). Buscando-se na memória discursiva, em outros pronunciamentos, inclusive de outros conservadores,, constata-se o uso recursivo do efeito metafórico do “abismo” como uma espécie de “alinhamento discursivo”.

Abaixo, são apresentados três recortes relevantes para a compreensão do uso das memórias no processo interdiscursivo e na reformulação intradiscursiva. O primeiro trecho remete à peça publicitária de seu programa eleitoral a qual traz à tona o pré-construído “à beira do abismo”, enfatizando a situação do Brasil por causa do governo do PT que durante 13 anos administrou o país. Já o segundo recorte é utilizado pelo seu ministro da economia, Paulo Guedes, durante pronunciamento na Câmara dos Deputados, em 2019, onde Guedes utiliza também o efeito metafórico “à beira do abismo” para enfatizar a necessidade de um auxílio financeiro. Por fim, o terceiro pré-construído “à beira do abismo” é proferido pelo ministro do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, em entrevista ao jornal Valor Econômico, onde ele menciona também a situação do Brasil, enfatizando a importância da aprovação da reforma da Previdência.

*1º “O Brasil governado pelo PT durante 13 anos, está em sua maior crise ética, moral e financeira da história. Estamos à beira de um abismo”.*<sup>3</sup>

<sup>3</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=\\_pgFT\\_U6k74](https://www.youtube.com/watch?v=_pgFT_U6k74) (entre 0:55 e 1:04)

2º “*Estamos à beira de um abismo fiscal, precisamos de um crédito suplementar...*”<sup>4</sup>

3º “*Mas não há dúvida de que ou aprova a reforma da Previdência ou todos nós vamos parar no buraco. O Brasil está à beira do abismo*”.<sup>5</sup>

No primeiro retalho, nota-se que o sujeito-enunciador tenta estabelecer uma relação indissociável entre “o governo do PT”, e “abismo” através da produção de pressupostos e subentendidos os quais giram entorno da periodicidade em que a gestão ficou no poder e dos supostos escândalos de corrupção, subentendidos na expressão “*em sua maior crise ética, moral e financeira da história*”. “Estar em sua maior crise ética, moral e financeira da história” também pressupõe uma má administração. “Estar à beira de um abismo”, mesmo que metaforicamente, reforça a pressuposição de que antes da governança do PT, o país não estava em colapso, mas que agora se tornou insustentável a ponto de lançar o país ao caos.

Por conseguinte, vemos que o sujeito-enunciador desloca o sentido da expressão “*governo do PT*” (administração do Partido dos trabalhadores) para a representação do “*fracasso administrativo*” quando ele associa tal administração partidária à expressão “*crise ética, moral e financeira*”. Esta é carregada de efeitos de fracasso a partir do vínculo que ela estabelece com a expressão ulterior: o pré-construído “*à beira do abismo*”. Este, quanto a seus sentidos, é atualizado ao retornar no pronunciamento de Bolsonaro (FOUCAULT, 2014, p. 25), não mais como referência espacial no mundo que delimita as fronteiras de dado lugar pela fissura geológica, ou mesmo metaforicamente para expressar uma situação complexa e caótica, mas emerge especificamente como consequência política e econômica, causada por uma administração do fracasso: o governo do PT.

Considerando um efeito parafrástico que joga com o pressuposto e o subentendido, o enunciado se constrói pelos seguintes efeitos de sentido: “*A administração do fracasso que perdeu por tempo suficiente para fazer alguma coisa, por sua crise ética, moral e financeira, nunca antes vista, tem colocado o Brasil num caminho que pode não ter volta*”.

Ao examinar os processos que constituem o primeiro retalho, percebemos os mesmos mecanismos funcionando no segundo recorte “*Estamos à beira de um abismo*”

<sup>4</sup> [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=56&v=nQy4pOh7d3E&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?time_continue=56&v=nQy4pOh7d3E&feature=emb_logo) (entre os 0:50 e 0:57)

<sup>5</sup> <https://catracalivre.com.br/dimenstein/brasil-esta-a-beira-do-abismo-diz-ministro-militar-de-bolsonaro/>

*fiscal, precisamos de um crédito suplementar”...* Em outras palavras, os mesmos processos são utilizados para construir dado enunciado. No entanto, o pré-construído “*à beira de um abismo*” não remete mais, pelo menos explicitamente, ao governo do PT. Ou seja, as condições de produção do primeiro enunciado remontam o embate na campanha eleitoral de 2018 em que o sujeito-enunciador (narrador da propaganda eleitoral) ratifica a incompetência e o fracasso da administração petista em governar por 13 anos o Brasil. O segundo remete a uma crise financeira dentro da gestão Bolsonaro.

Como dito, aparentemente não remete ao governo do PT, todavia, de acordo com a noção de relação de sentido, “um discurso aponta para outro que aponta para outros” (ORLANDI, 2015, p. 37). Assim, o contexto histórico que possibilitou a emergência do segundo retalho, está relacionado tacitamente ao primeiro, pois afirmar que “estamos à beira do abismo fiscal” implica em dizer que ações alheias levaram o país a uma recessão. Isto porque o discurso do sujeito-enunciador, Paulo Guedes, é proferido em um contexto (primeiras tomadas de decisões como ministro da economia em 15 de maio de 2019) em que o legitima e o autoriza, mas precisa dos meios para fazê-lo, para ter potência (CHARAUDEAU, 2016, p. 19) e por isso critica os programas (Bolsa-Família, Benefício de Prestação Continuada - BPC, Plano Safra, etc.) que, segundo ele, levaram o Brasil a um abismo fiscal. O sujeito-enunciador é legitimado porque sua formação acadêmica como economista pressupõe um saber-dizer; é autorizado porque na relação de força (ORLANDI, 2015, 37), ele fala da posição de ministro da economia. Ele detém um cargo e isso implica em um poder-dizer sobre a economia. Por fim, essas duas modalizações viabilizam uma busca pela concretização, mas não o potencializa para fazer as mudanças que o mesmo julga serem necessárias na economia, pois potencializá-lo é papel da Câmara dos Deputados e do Senado se forem convencidos de que o Brasil realmente está “a beira do abismo”, não por medidas do atual governo, mas por causa dos programas criados pela administração anterior: “*o governo do PT*”.

Portanto, ao haver uma relação de sentido entre o pré-construído do primeiro recorte, “*à beira do abismo*”, com o pré-construído do segundo “*à beira do abismo fiscal*”, cria-se no segundo enunciado um não-dito, um subentendido que aponta o governo do PT como responsável pela atual crise financeira. Ou seja, os efeitos metafóricos conduzidos por determinados dizeres tácitos permitem a interpretação de que “*precisamos de um crédito suplementar porque estamos à beira de um abismo fiscal, causado pelos programas sociais malsucedidos do governo do PT*”. O segundo

enunciado é sustentado pelo primeiro porque este representa um contexto histórico que é condição constitutiva do presente anunciado (ORLANDI, 2015, p. 28).

Por fim, o terceiro recorte, enunciado pelo General Augusto Heleno, Ministro do Gabinete de Segurança Institucional, traz o mesmo pré-construído, afirmando que o Brasil está à beira do abismo e que por causa da não votação em favor da reforma da previdência, todos irão para o buraco. No entanto, as relações de sentido, mais uma vez, nos possibilitam perceber que há um liame tácito entre o dito proferido no atual contexto e os dizeres anteriores (idem, 2015, p. 28). As condições de produção do terceiro enunciado associam a imagem do Brasil à situação de crise política, econômica e social da Venezuela, insinuando que esta se encontra em dada situação por causa do regime ideológico ditado por Nicolas Maduro, então presidente desse país.

Tal contexto permite-nos perceber as implicaturas existentes em dado enunciado, uma vez que os contextos históricos da Venezuela e do Brasil, segundo Antunes (2017, p. 2216) faz parte da expansão socialista do século XXI e “devem ser pensadas como parte de uma processualidade que não se esgota em seu espaço nacional”. Isto é o mesmo que atestar que as duas realidades são distintas, mas fazem parte do mesmo projeto ideológico. Dito isso, compreende-se porque o sujeito-enunciador, consciente das condições de produção que o cerca, enuncia que “*o Brasil está à beira do abismo*”. Augusto Heleno no resgate às memórias discursivas que delineiam o socialismo a partir de representações do fracasso (fracasso na Argentina, fracasso na Bolívia, fracasso na Venezuela, etc.) associa essas conjunturas e o momento de recessão que o Brasil tem passado a uma administração afundada “em sua maior crise ética, moral e financeira”, o governo do PT, de orientação socialista.

Portanto, podemos notar que os três pré-construídos “à beira do abismo” têm uma relação em comum, um “alinhamento discursivo”, denunciando uma relação de sentido entre eles, pois são gerados, segundo seus enunciadores, pela mesma gestão que por 13 anos administrou o país e o conduziu “ao fracasso administrativo”. Assim, apesar dos três enunciados acontecerem em momentos distintos, proferidos por sujeitos distintos, ambos apontam para o mesmo referencial no mundo, ou seja, o regime socialista que, segundo seus enunciadores, têm levado seu país “a uma recessão sem precedentes”.

A partir das considerações sobre os recortes analisados acima, ao comparar as condições de produção dos referidos discursos, com a representação discursiva que se constituem através dos efeitos de criminalização, temos o silêncio constitutivo agindo

no interior dos enunciados, instalando seus anti-implícitos e apontando para regiões de sentido que apresentam o socialismo como referência a abismo, como o regime representante do fracasso político econômico e social (ORLANDI, 2007, p. 73). Dessa maneira, percebemos também a relação de sentido que esses pré-construídos têm com o discurso proferido por Bolsonaro na ONU, no dia 24 de setembro de 2019, pois eles fazem parte de um trabalho significativo de uma mesma formação discursiva (idem, 2007, p. 73).

Os recortes mencionados acima são o que Orlandi (2015, p. 29) vai chamar de “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna na forma do pré-construído”, o já-dito que está na base do intradiscorso, da formulação de Bolsonaro, sustentando cada tomada de suas palavras na construção de efeitos de sentido pretendido. Isto se torna possível por esse repertório discursivo, por esse arquivamento de acontecimentos sustentado e viabilizado pelo retorno da constituição dos sentidos nos dizeres formulados. Dito de outro modo, “temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização)” (FOUCAULT, 2017, p. 157).

Nessa perspectiva, é possível depreender como o elemento lexical “socialismo” desloca o seu sentido para “abismo”. Além de haver um arquivamento discursivo comportando toda uma cadeia de pré-construídos e tornando possível o retorno destes nas bases da formulação (PÊCHEUX, 1997), o sujeito-enunciador (nesse caso Bolsonaro) também é direcionado, condicionado e limitado por suas formações discursivas cujas regiões de sentidos são também influenciadas por suas formações imaginárias (ORLANDI, 2015), não o permitindo ter outra concepção sobre o socialismo senão a de “abismo”.

Sobre a noção de formações imaginárias, esta, além de pôr em movimento os processos discursivos, de acordo com Pêcheux (1997, p. 82), “designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Dito de outra maneira, aceita-se uma ordem de projeção cujas relações entre determinadas posições são estabelecidas pela própria ordem das situações empíricas (idem. p. 82).

Nesta lógica, pensando a perspectiva enunciativa, Bolsonaro se projeta como o presidente do sucesso, se posicionando como o gestor eficiente, capaz de apresentar para o seu público “*um novo Brasil que ressurgiu depois de estar à beira do*

*socialismo*”. Consequentemente, o sujeito-enunciador atribui ao socialismo uma posição de buraco, de ruína, de insucesso, de tragédia, isto é, da instituição constitutiva do fracasso.

Ademais, os mecanismos de funcionamento do discurso assentam-se no imaginário social, permitindo perceber, a região de sentido, a posição ideológica que se encontra o sujeito-enunciador. Por exemplo: a) há uma relação de sentido entre o discurso proferido na ONU e os discursos dos membros de sua equipe governamental, pois aquele discurso aponta para outro que aponta para outros (ORLANDI, 2015, p. 37); b) há uma relação de força entre o sujeito-enunciador que está no lugar de presidente e fala da posição de administrador de sucesso e, c) tem-se o mecanismo de antecipação fazendo da imagem do socialismo, uma instituição fracassada e de seus membros socialistas como inimigos do Brasil.

Por fim, cabe lembrar duas coisas que estão inerentemente pressupostas, subentendidas e atreladas aos efeitos de sucesso: ele fala de sua carreira de sucesso; ele teve sucesso, por isso é presidente. Podemos notar esses efeitos nos léxicos utilizados em alguns trechos, como por exemplo, “*O Brasil agora tem um presidente que se preocupa com aqueles que lá estavam antes da chegada dos portugueses*”. Isto pressupõe que antes não havia um presidente que se preocupava com tais questões e fica subentendido que sua gestão tem mais eficiência que as anteriores, mais capacidade porque “agora o Brasil tem um presidente que se preocupa”, que “tem uma visão mais técnica e humana”, causando assim um engendramento do sucesso como presidente. Em outro ponto, Bolsonaro mostra sua competência em melhorar a segurança e a hospitalidade de seu país: “*Hoje o Brasil está mais seguro e ainda mais hospitaleiro*”. Mais uma vez, pressupõe que antes, o Brasil não era seguro e hospitaleiro. Fica subentendido também que os governos anteriores não têm a mesma capacidade e eficiência que o atual presidente. Indiciam-se nesses trechos, efeitos de sucesso “operando recursos discursivos e construindo sentidos e sujeitos próprios” (SOARES, 2018, p. 169), ao mesmo tempo em que colocam os governos anteriores de orientação socialista como o regime do fracasso.

Diante da explanação sobre os mecanismos de discursos que repousam nas formações imaginárias, pode ser observado que tal elemento lexical (*socialismo*) sofre um deslocamento em sua significação mais usual, deslizando-se para outros sentidos. Por isso, o termo “socialismo” não é unívoco, pois o fato do presidente Bolsonaro se

constituir em determinada formação discursiva, já muda o sentido de tal palavra (PÊCHEUX, 1997). Há o acarretamento de outros dizeres, desviando o significado de “socialismo” para outro sentido: o de “abismo”, remetendo o sujeito-ouvinte aos efeitos de metáfora.

Nota-se que ao escolher inscrever o sintagma “socialismo” na historicidade imediata de sua enunciação, Bolsonaro acaba por retirar o socialismo de uma posição de filosofia política, social e econômica para uma sinonímia de fracasso, de derrota, ou melhor, de uma instituição constitutiva do colapso, do insucesso econômico, político social. E ao fazer isso, nesse processo de alteridade em que o sujeito-enunciador constrói a imagem do socialismo como representante do fracasso, acaba por também se identificar, se posicionando como um sujeito de sucesso, neoliberal, alinhado aos ideais capitalistas.

### **Engendramento de efeitos: sucesso no pronunciamento de Bolsonaro**

“Não é possível mirar o sucesso como quem olha uma foto. Não se pode depreendê-lo de um golpe só” (SOARES, 2018, p. 169). Partindo desse princípio, depreende-se que evidenciar o discurso de sucesso não pode ser possível apenas pela análise lexical, mas no entremeio da estrutura e do acontecimento, pois sucesso é efeito de sentido. Segundo Soares (2018, p. 169), o sucesso “não é estático, mas dinâmico, sobretudo, se o considerarmos como uma configuração atual de dizer cujos efeitos impactam, direta e indiretamente nas relações econômicas e afetivas dos sujeitos”.

Considerando essas noções, ao analisar o recorte “*Apresento aos senhores um novo Brasil, que ressurge depois de estar à beira do socialismo*” aparentemente não se constata nenhum elemento lexical ancorando sua significação em efeitos metafóricos constitutivos de sucesso. No entanto, se forem sopesados outros mecanismos discursivos, como o extralinguístico, agindo no referido segmento da cadeia falada, torna-se possível compreender os efeitos de sucesso engendrados ali. Isto é, como Soares (2018, p. 174) afirma, “o sucesso é o objetivo final das atividades que desempenhamos”. E sendo atividades desempenhadas por sujeitos, são exteriores ao sistema linguístico. Por isso, no retalho mencionado acima, o verbo “apresentar”, deixa subentendido “algo que está pronto”, “um produto” que será apresentado ao seu público, diferente daquele que o socialismo produziu durante 13 anos. Um “novo Brasil” que permite subentender “algo reconstruído”. Reconstruído por quem? Por um presidente de sucesso que ao assumir seu cargo como representante do país, faz

“ressurgir” (como algo mitológico) um país que, segundo o sujeito enunciador “estava à beira do socialismo”, isto é, do abismo. Portanto, analisar as condições de produção daquilo que foi dito, por exemplo, pode ser de grande valia para entender os efeitos constituídos na enunciação.

Dito isso, “as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso” (ORALNDI, 2015, p. 28). Dividido em dois sentidos, o estrito (contexto imediato) e o amplo (contexto sócio-histórico, ideológico), as condições de produção do discurso de Bolsonaro são formadas pela sua formulação e a sua historicidade.

No contexto imediato, podemos apreciar um presidente em seu primeiro ano como representante do Brasil, na Assembleia Geral da ONU, se posicionando como alinhado aos seus pares capitalistas e neoliberais, presentes na reunião e, por sua vez, fazendo oposição aos líderes de ideais socialistas que se encontravam no evento. No contexto sócio-histórico os elementos sociais presentes são a instituição ONU, com suas regras como o direito à fala, à liberdade, o direito de resposta, de denúncia, etc. e também a história, carregando consigo acontecimentos que são constitutivos das formulações discursivas, tais como a representação do capitalismo, do socialismo, de regimes totalitários, de regimes democráticos de direito, etc..

Por fim, as memórias, tratadas como interdiscurso e já mencionadas nesse trabalho como aquilo que torna possível o retorno dos já-ditos na base da formulação, ou seja, o intradiscurso (ORLANDI, 2015). Elas trabalham no discurso de Bolsonaro justamente para atestá-lo como sujeito de sucesso de modo a posicionar suas ações eficientes derivativas do estilo capitalista de administrar, colocando assim o socialismo/comunismo como sinônimo de fracasso, de destruição de democracias, de destruição de sistemas econômicos. Considerando esses aspectos da construção do sucesso e fracasso simultaneamente, o sucesso em seu discurso político não se restringe ao espaço de uma propaganda na rede social que o enaltece, pois ele faz da reunião da ONU sua plataforma de autopromoção. Dito de outro modo, Soares (2018, p. 191) afirma que “o sucesso como um fenômeno discursivo e, conseqüentemente, social não está restrito à mídia; vimos que o sucesso tem uma gramática mais ou menos própria que lhe vincula a um campo no qual é disseminado”.

Ao considerar essas concepções, analisaremos abaixo, alguns dos diversos já-ditos que retornam na formulação do sujeito-enunciador Bolsonaro, representando a memória antissocialista/anticomunista que apoiam seu discurso de sucesso em relação

às administrações anteriores a ele. Os recortes de memórias “a” e “b” são discursos do ex-primeiro-ministro britânico Winston Churchill e “c” pertence ao então presidente dos Estados Unidos da América, Dwight D. Eisenhower.

- a) *“O vício inerente ao capitalismo é a desigualdade de partilha de privilégios. A virtude inerente ao Socialismo é a equidade na partilha da miséria”.*<sup>6</sup>
- b) *“O socialismo é a filosofia do fracasso, o credo da ignorância, e o evangelho da inveja”.*<sup>7</sup>
- c) *“Você já parou para pensar que não há nação no mundo que tenha adotado livremente o comunismo em um voto do povo? Pelo contrário, toda vez que os comunistas tomaram um país, até na Rússia, isso foi feito por uma minoria muito pequena praticando violência.”*<sup>8</sup>

O primeiro recorte é proferido no Parlamento Britânico, em 1945, prenunciando os primeiros intensos embates ideológicos que viriam a culminar na oficialização da Guerra Fria entre os blocos capitalista e socialista. O segundo, proferido na Escócia em 28 de maio de 1948 mostra a intensificação do discurso anticomunista dentro do período do Plano Marshall, programa de auxílio econômico norte-americano aos países da Europa Ocidental, depois que a Segunda Guerra Mundial devastou a referida região. É importante destacar que tal programa também contribuiu definitivamente para a contenção da expansão comunista. Por último, tem-se o recorte proferido por Dwight D. Eisenhower em Rádio e Televisão ao Povo Americano sobre o Estado da Nação, em 05 de abril de 1954.

Ao fazer essas colocações e observar os três recortes citados, no primeiro retalho, percebe-se um jogo semântico entre os elementos lexicais “vício/desigualdade” e “virtude/equidade”. Geralmente, os primeiros termos denotam algo negativo ao capitalismo, enquanto os dois últimos supõem algo positivo ao socialismo. Todavia, quando “vício/desigualdade” se ancoram semanticamente nos efeitos do enunciado “de partilha de privilégios”, explicita-se, dessa maneira, a construção de processamentos metafóricos em um enunciado que apresenta o caráter positivo do capitalismo, “trabalhando incessantemente para combater a desigualdade de privilégios existente no

<sup>6</sup> <https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/churchill-disse-que-o-socialismo-e-a-filosofia-do-falhanco>

<sup>7</sup> <https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/churchill-disse-que-o-socialismo-e-a-filosofia-do-falhanco>

<sup>8</sup> <https://www.archives.gov/files/presidential-libraries/advisethepresident/eisenhower-projectsolarium.pdf>

mundo socialista”. Por sua vez, a expressão “partilha de privilégios” desloca os sentidos de “vício” para “virtude” e de “desigualdade” para “equidade”.

Por sua vez, ao jogar com os léxicos “virtude/igualdade”, os aportando ao enunciado “partilha da miséria” tem se o inverso mencionado acima, ou seja, ao associar “partilha da miséria” à “virtude” e à “equidade”, estas passam a se deslocar semanticamente para um campo de sentidos depreciativos, a saber, virtude como vício e equidade, como desigualdade.

Nessa perspectiva, cria-se o socialismo como a imagem do fracasso, da miséria, uma maquinaria da desigualdade social, enquanto o capitalismo representa o sucesso, isto é, o instrumento de combate incessante dessa maquinaria. Esses deslocamentos de sentidos, também encontrados no recorte “b” igualmente jogam com a ancoragem semântica e com a oposição de sentidos entre seus léxicos. Por exemplo, a “filosofia”, “credo” e “evangelho” que separadas denotam “amor pela sabedoria”, “crença religiosa” e “conjunto de ensinamentos sagrados” respectivamente, associados aos termos “fracasso”, “ignorância” e “inveja” causam um efeito metafórico de maquinaria do fracasso, pois *“o socialismo é o conjunto de pensamentos do fracasso, a crença religiosa da ignorância, e o conjunto de ensinamentos sagrados da inveja”*.

Por fim, todavia não se atendo à exaustiva repetição de análises que culminarão na mesma conclusão, ou melhor, o sentimento antissocialista engendrados nos discursos e simultaneamente a autopromoção do capitalismo como filosofia do sucesso, são expostos logo abaixo vários trechos do discurso de Bolsonaro para o exame dos movimentos interdiscursivos, buscando memórias, já-ditos, e os trazendo à superfície do campo intradiscursivo como o dizível, a formulação desses arquivos (PÊCHEUX, 1997; FOUCAULT 2014).

*“Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada (...). A Venezuela, outrora um país pujante e democrático, hoje experimenta a crueldade do socialismo. (...) O socialismo está dando certo na Venezuela! Todos estão pobres e sem liberdade! (...) A economia está reagindo, ao romper os vícios e amarras de quase duas décadas de irresponsabilidade fiscal, aparelhamento do Estado e corrupção generalizada. A abertura, a gestão competente e os ganhos de produtividade são objetivos imediatos do nosso governo”*.

Se por um lado as tiras enunciativas *“esteve muito próximo do socialismo”*, *“numa situação de corrupção generalizada”*, *“experimenta a crueldade do socialismo”* e *“o socialismo está dando certo na Venezuela. Todos estão pobres e sem liberdade”*

causam os efeitos metafóricos do fracasso, ou seja, “um socialismo que destrói qualquer democracia e a coloca no fundo do abismo, promovendo a pobreza e a falta de liberdade como maquinaria da crueldade e do fracasso social”, por outro lado, os retalhos “*a economia está reagindo*”, “*a gestão competente*” e “*os ganhos de produtividade*” não só denotam o sucesso da gestão do governo de Bolsonaro como também entrelaça o efeito de sucesso a outros discursos já bem estabelecidos, apontando para o referencial “presidente de sucesso”. “Como os discursos da riqueza, da saúde do mérito, entre tantos, lhe conferindo uma autoridade quase absoluta” (SOARES, 2018, p. 170), por ser um presidente que conseguiu fazer o que nenhum outro pode fazer: livrar seu país “da beira do abismo”, ou seja, do socialismo e conduzi-lo a uma administração de sucesso.

Diante das observações expostas sobre o papel fundamental das memórias, compreende-se, portanto que tais memórias discursivas trabalham nos enunciados de Bolsonaro justamente para ratificar a posição discursiva do sujeito-enunciador como a representação do sucesso de forma a emergir certa voz de sucesso (SOARES, 2016, 2017, 2018) resgatada, reformulada, todavia causando os mesmos efeitos de seus arquivamentos discursivos, anteriormente disseminadas na forma de “*American way of life*”, e que, ao posicionar o capitalismo como a representação do prestígio e do triunfo, acaba por colocar assim o socialismo/comunismo como sinônimo de fracasso, de destruição de democracias, de destruição de sistemas econômicos.

### **Considerações: uma ferramenta essencial na manutenção do poder político**

No discurso examinado, em que Jair Messias Bolsonaro evoca sua potencialidade em poder-dizer, por um saber-dizer e um poder-fazer, isto é, evoca sua posição discursiva que aponta uma legitimidade, por ser o atual presidente, sua autoridade, por ser membro da ONU e sua potência, por “ter feito as mudanças que julgava ser necessárias para tirar o Brasil ‘da beira do abismo’”, podemos constatar os efeitos metafóricos, de sucesso e de silêncio constitutivo, apoiando cada dizer e se entrelaçando a ponto de potencializar seu discurso.

Notamos também que esses três efeitos de sentidos, atrelados às condições de suas respectivas produções discursivas, retomando cada memória discursiva que atrelava o socialismo ao regime do fracasso, puderam recriar representações do socialismo que simultaneamente colocava o presidente como representante virtual do sucesso. Efeitos que não são visíveis, pelo menos à primeira vista.

O caminho percorrido até aqui não apenas corrobora a afirmação de Soares (2018, p. 169) de que “não é possível mirar o sucesso como quem olha uma foto, *mas também confirma, através das análises perpetradas acima, a dificuldade de depreendê-lo de um só golpe*” (idem, p. 169, grifo nosso.). Também foi possível observar que o jogo discursivo que se vale da tensão entre o dito e o dizível, entre a estabilização e o deslocamento semântico, ao engendrar efeitos de sucesso também acaba por instituir outros efeitos como os implícitos, pressuposições e subentendidos, especificamente os não-ditos antonímicos e o silêncio constitutivo.

Nessas considerações, verificou-se que os efeitos de sucesso podem se entrelaçar a outros efeitos como os de silêncio constitutivo e elementos metafóricos, constituindo uma força que ao se valer também da interdiscursividade, criam-se intrincados processos discursivos que podem de maneira eficiente atingir seus objetivos. No caso do sujeito-enunciador Jair Messias Bolsonaro, projetar a imagem de um gestor de sucesso que depois de assumir um país à beira do abismo, faz com que este retome seu crescimento econômico e sua posição político-filosófica voltada aos ideais neoliberais.

Ademais, a ancoragem metafórica de “sair da beira do abismo” significa também produzir, através do retorno ao discurso antissocialista/anticomunista, um subterfúgio suficientemente capaz de apagar, de silenciar as críticas dos ambientalistas, dos direitos humanos, e de outros âmbitos sociais que naquela ocasião andavam paralelas ao seu discurso, bem como posicionar sua formação ideológica (o capitalismo) como sistema econômico de sucesso e, ao mesmo tempo, sistematizar um contínuo processo de criminalização ideológica e de fracasso ao socialismo.

Por essa razão, observa-se a relevância da continuidade de estudos que possam promover uma melhor visão teórico-metodológica e oferecer uma análise mais acurada de determinados acontecimentos discursivos, assim como agenciar pesquisas sobre os efeitos de sucesso e seu entrelaçamento com outros efeitos, sobretudo, no funcionamento dos discursos políticos, pois ao analisar tais processos nesse campo social, observam-se entre a estrutura e o acontecimento, funcionamentos da produção do sucesso como uma força discursiva que agencia a autopromoção política, o apagamento de conjunturas e, sobretudo, promove a criminalização de sujeitos e de sentidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

ANTUNES, Ricardo. **O socialismo, lutas sociais e novo modo de vida na América Latina** UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil. 2017.

CARVALHO, Alex et al. **Aprendendo Metodologia Científica**. São Paulo: O Nome da Rosa, 2000, pp. 11-69.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**, tradução de Angela M. S. Corrêa – São Paulo, Contexto, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 8ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**: tradução Luiz Felipe Baeta Neves – 8ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio; tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

ORLANDI, Eni P. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes da Unicamp, 2007.

SICSÚ, João. **Dez anos que abalaram o país. E o futuro?** São Paulo: Geração Editorial, 2013.

SOARES, Thiago Barbosa. **Discurso do Sucesso**: sentidos e sujeitos de sucesso no Brasil Contemporâneo; Universidade Federal de São Carlos UFSCar, Estudos Linguísticos, 45 (3): p. 1082-1091, 2016, São Carlos. São Paulo.

SOARES, Thiago Barbosa. **Discursos do sucesso**: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017.

SOARES, Thiago Barbosa. **Múltiplas perspectivas em Análise do Discurso**: objetos variados/ Thiago Soares Barbosa (org.) – São Carlos – SP: Pedro & João Editores, 2018.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percursos Linguísticos**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas – SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Thiago Barbosa. **Teoria Crítica e Análise do Discurso**: a mídia como objeto comum; Universidade Federal do Tocantins, Estudos da Linguagem; Revista Porto das Letras, Vol. 05, Nº 01, Porto Nacional, TO, 2019.

Submetido em: 02/04/2020.

Aprovado em: 20/11/2020.

#### **Como referenciar este artigo:**

BOUCHER, Damião Francisco & SOARES, Thiago Barbosa. “Socialismo como antonímia do sucesso”: os efeitos de sucesso no pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro na ONU. revista **Linguasagem**, São Carlos, v.36, jul./dez. 2020, p. 122-143.